

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

Allan Dwan

7 e 11 de Fevereiro de 2022

## ROBIN HOOD / 1922

*Robin dos Bosques*

*um filme de Allan Dwan*

**Realização:** Allan Dwan / **Argumento:** Lotta Woods, a partir de uma ideia de Elton Thomas (Douglas Fairbanks), baseada em *The Tales of Robin Hood* / **Direcção de Fotografia:** Arthur Edeson / **Montagem:** William Nolan / **Direcção Artística/Cenários:** Wilfred Buckland / **Efeitos especiais:** Martin Edeson / **Guarda-Roupa:** Mitchell Leisen / **Conselheiro histórico:** Dr. Arthur Woods / **Conselheiro literário:** Edward Knoblock / **Interpretação:** Douglas Fairbanks (The Earl of Huntingdon / Robin Hood), Wallace Beery (Richard the Lion-Hearted), Sam De Grasse (Prince John), Enid Bennett (Lady Marian), Paul Dickey (Sir Guy of Gisbourne), William Lowery (Sheriff), Roy Coulson (bobo), Billie Bennett (criada de Lady Marian), Merrill McCormick, Willard Louis (escudeiros de Prince John), Alan Hale (Little John), etc.

**Produção:** Fairbanks Picture Corporation – United Artists (Estados Unidos) / **Produção:** Douglas Fairbanks / **Cópia:** da George Eastman House, em 35 mm, muda, cor, legendada electronicamente em português / **Duração:** 143 minutos (20 fps) / **Estreia comercial em Portugal:** 7 de Junho de 1926, Cinema Tivoli / Primeira exibição na Cinemateca.

---

com acompanhamento ao piano por Daniel Schevtz

---

**Robin Hood** é um dos filmes mais considerados do período mudo de Allan Dwan, correspondendo também a um dos momentos mais importantes da sua colaboração com Douglas Fairbanks. O filme foi produzido por uma associação da Fairbanks Picture Corporation com a United Artists, tendo retomado uma relação criativa extremamente profícua iniciada em 1916 com **The Habit of Happiness**, que havia sido interrompida dois anos depois. Um trabalho a dois que inclui títulos como o admirável **A Modern Musketeer** (1917), o primeiro filme produzido pela Douglas Fairbanks Pictures Corporation, cuja criação atestava a grande influência que Fairbanks tinha então no meio cinematográfico.

**Robin Hood** foi uma superprodução e um enorme sucesso que bateu todos os recordes de bilheteira, numa altura em que o cinema atravessava um momento de crise. O público tinha deixado de ir ao cinema, o desemprego era grande, alguns estúdios estavam a fechar, e **Robin Hood**, que deu emprego a muita gente entre as suas dezenas de figurantes, recuperou a confiança do meio cinematográfico. As suas 11 bobines, que correspondem a mais de duas horas de duração, excediam em muito as 7 bobines que norteavam a média dos filmes de Dwan deste período. Foi tal a sua

importância que o filme terá sido determinante para a imposição da figura de Robin Hood no imaginário colectivo, começando Douglas Fairbanks o que Errol Flynn iria continuar em **The Adventures of Robin Hood** (1938). É de resto a Errol Flynn que associa normalmente a figura de Robin dos Bosques, dado o fascínio que sobre mim exerceu o filme de Michael Curtiz e a quantidade de vezes que o vi em criança.

É difícil não ficarmos maravilhados com a beleza dos cenários de **Robin Hood**, em particular com os interiores do castelo, e com a atmosfera de um filme que muito deve à cuidada iluminação, mas também ao modo como a *mise en scène* se articula com uma história sobejamente conhecida numa acumulação de invenções constantes que culminam na proeza física e numa articulação extraordinária entre Fairbanks e o espaço em que se inscreve. **Robin Hood** organiza-se como um díptico, em que a uma primeira parte conotada com a reconstituição histórica do ambiente da Idade Média, cujos décors ficaram a cargo de Wilfred Buckland e o guarda-roupa de Mitchell Leisen, sucede o maior protagonismo dos décors naturais da segunda, que acolhem Robin Hood e os seus acólitos.

Na entrevista que deu em 1964 a Simon Mizrahi, Dwan refere várias vezes os décors de **Robin Hood**, área em que investiu muito particularmente em consonância com a vontade de Fairbanks, que, como ele, exigia a perfeição e a atenção aos mínimos detalhes. Dizia Dwan sobre a dimensão dos cenários e a dificuldade em iluminá-los: “Para este filme não dispúnhamos de potência eléctrica suficiente e utilizávamos uns pequenos reflectores para iluminar paredes imensas. Os cenários do interior do castelo tinham 125 metros de comprimento. Nem sequer podíamos utilizar as lâmpadas em arco, os cenários eram demasiado grandes. (...) Durante a preparação do filme, Fairbanks estava em Nova Iorque. Eu e o irmão dele supervisionámos a construção dos cenários. Sendo os dois engenheiros, sabíamos como desenhar e construir estes enormes cenários de castelos, com pontes levadiças, torreões, etc. Quando voltou, Doug deu uma vista de olhos aos cenários e foi-se imediatamente embora do estúdio. ‘Não me posso medir com estes cenários enormes! Que é que eu vou fazer lá dentro?’. Convenci-o a voltar ao plateau. (...) Graças a certos truques, estes cenários enormes pareciam ainda maiores. Por exemplo, quando filmávamos as paredes das salas do castelo que mediam pelo menos vinte metros, pusemos em frente à câmara umas maquetes que faziam com que essas paredes parecessem duas vezes mais altas. Para as cenas de combate, as paredes exteriores do castelo tinham vinte e quatro metros. Um monte de figurantes agitava-se no topo dessas muralhas, brandindo bandeiras. Os cinco mil figurantes pareciam dez mil.”

Estes são apenas alguns dos “truques” usados por Dwan que se transformam em brilhantes soluções de *mise en scène*, entre os quais aquele que dará origem a uma das mais belas sequências do filme: aquela em que Fairbanks desliza airoso por uma gigante cortina que se estende do tecto ao chão do castelo (cortina essa que, como vimos depois a perceber, escondia um varão de ferro). Por entre maravilhosos cenários magnificamente iluminados, trampolins escondidos, e os múltiplos talentos de um actor-ginasta como Fairbanks, assim se constrói um filme em que a manipulação do espaço coincide com a essência do próprio cinema.

Joana Ascensão